

## De corpo e alma: tecnologias políticas disciplinares na profissão de jogador de futebol

**RADAMÉS MESQUITA ROGÉRIO\***

### Resumo

O artigo propõe uma análise da economia disciplinar presente no cotidiano do profissional jogador de futebol com o objetivo de contribuir para a elucidação da seguinte questão: Como a disciplina está presente, como economia, na profissão de jogador de futebol e quais os impactos desta na vida dos indivíduos que dela fazem parte? O argumento é de que o espetáculo esportivo moderno demanda do jogador de futebol muito mais do que talento e habilidade, sendo preciso o desenvolvimento de determinada performance que visa, dentre outras coisas, suplantar a rebeldia ao implantar e fomentar a docilidade, no sentido *foucaultiano*.

**Palavras-chave:** Disciplina; Rebeldia; Michel Foucault.

### Abstract

The paper presents an analysis of disciplinary economy in the daily professional football player in order to contribute to the elucidation of the following question: how is the disciplinary economy presents in the football player profession and what are the impacts of this in the lives of the individuals who are part of it? The argument is that the modern sports spectacle demands of the football player more than talent and skills, that this requires the development of specific performance which aims, among other things, overcome the rebellion to deploy and foster docility, in the foulcaultian sense.

**Key words:** Discipline; Rebellion; Michel Foucault.



\* **RADAMÉS MESQUITA ROGÉRIO** é professor adjunto I da Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Doutor e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).



Foto: divulgação - Máfia Azul

### Introdução

Muitas profissões demandam uma enorme dedicação, muitas vezes quase que exclusiva a elas para se concretizarem. É o caso dos esportes profissionais, dentre os quais destacarei o futebol. O investimento necessário é exaustivo e requer uma especialização altamente precoce. O jovem aspirante é encorajado (por todos os envolvidos – pais, dirigentes, treinadores, preparadores físicos etc.) a empenhar-se na carreira e direcionar toda sua vida futura à profissão.

Incide em todo esse processo uma intensa disciplinarização que, no limite, constitui-se numa gestão da vida e do corpo. Ter talento, ser um exímio controlador da bola não é o bastante, embora seja a “base de tudo”. Segundo Arlei S. Damo, os bons jogadores são aqueles tidos como “portadores de talento especial, um jeito singular de usar o corpo. (...) acredita-se que o dom seja uma capacidade inata, uma dádiva divina ou da natureza” (2007, p.18).

O ponto inicial, portanto, é o dom, o talento. Entretanto, o futebol

profissional não se compõe somente de certo número de jogadores muito talentosos. Daí que para tornar-se jogador de futebol profissional é preciso se submeter a uma “tecnologia” que visa “converter jovens de reconhecido talento em profissionais capazes de exibir suas performances a um público muito peculiar” (Idem, p.22/23). Não basta saber jogar muito bem futebol, ser extremamente habilidoso, pois o objetivo do jogo vai muito além da simples exibição de talento, o espetáculo esportivo é muito mais complexo do que isso.

O jogador profissional de futebol se submete a um “aprendizado corporal” que é, segundo Damo, “equivalente a um curso superior” e “não é realizado gratuitamente, mas visa determinados fins: a produção de performances públicas, altamente apreciadas” (Idem, p.33).

O espetáculo tem um formato ao qual clubes, dirigentes, treinadores e jogadores devem se submeter e o jogador, mesmo como protagonista, é o elo mais frágil dessa cadeia de submissões. Entendo ser a profissão de

jogador de futebol um excelente objeto a partir do qual se pode estabelecer uma reflexão acerca da sociedade disciplinar da qual nos falou Michel Foucault (2001; 2008). Nela, não só o corpo é objeto do adestramento que visa a utilidade e a inteligibilidade, mas também o espírito, a alma, o fazer e o pensar.

### “Jogador de grupo” versus “jogador rebelde”

Existe um modelo requerido de jogador de futebol que varia conforme o período histórico, a região do país, do mundo e o nível do campeonato. Esse modelo incide sobre a forma como o jogador deve jogar, falar, se comportar em campo, nos treinamentos, viagens ou em seus momentos de folga, no seu modo de vestir, no visual do seu corpo e deve refletir, por exemplo, a agremiação, o clube, o nível do campeonato. Usa-se normalmente o termo perfil para designar esse modelo de jogador. Existe um perfil de jogador que o clube busca de acordo com os objetivos deste na temporada (ser campeão regional, nacional, mundial, “apenas” manter-se na primeira divisão, figurar entre os dez primeiros do campeonato, classificar-se para competições internacionais etc.), de acordo com os campeonatos que o clube irá disputar (campeonato mundial, nacional – primeira, segunda, terceira ou quarta divisão, estadual).

Os dirigentes estabelecem esse modelo e o publicitam com a intenção de esclarecer os critérios de contratação do clube naquele momento. Os perfis podem ser baseados em diversos critérios: “jogadores top<sup>1</sup>” ou

<sup>1</sup> “Nos últimos seis meses fizemos algumas apostas. (...) Agora queremos reforços com nome, jogadores com passagens pela Seleção ou que ainda almejem a Seleção. Jogadores top, que venham para fazer a diferença”, afirmou o

“jogadores de peso” são jogadores que já tiveram passagem por seleções nacionais ou que já jogaram em grandes clubes europeus. “Jogadores cascudos<sup>2</sup>” ou “cobras<sup>3</sup>” são aqueles acostumados as grandes decisões, experientes, com mais idade, embora o termo não se refira diretamente à idade, mas ao número de experiências importantes que o jogador já teve no futebol, o que acaba por coincidir, muitas vezes, com o perfil de mais idade. “Jogador aposta” está exatamente no extremo oposto, trata-se de um perfil de jogadores sem experiência em grandes clubes, grandes decisões, enfim desconhecidos do grande público em que o clube está fazendo uma aposta, ou seja, jogadores que não oferecem grandes garantias de que terão o rendimento que se espera.

Há perfis, entretanto que são buscados e outros evitados no processo de formação dos jogadores e tem direta relação com a formação incidindo sobre

---

diretor de futebol do Flamengo o ex-jogador Zinho. Reportagem *Zinho revela perfil dos reforços pretendidos pelo Fla: 'Jogadores top'*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2012/11/zinho-revela-perfil-dos-reforços-pretendidos-pelo-fla-jogadores-top.html>>. Acesso em: 30 nov. 2012.

<sup>2</sup> “O Inter investirá em ‘cascudos’ – como Julio Baptista. Jogadores na faixa dos 30 anos de idade estão na mira do clube. O inflacionado mercado, porém, tem dificultado as contratações. O clube procura nomes em condições de titularidade. E tenta fechar algum negócio nos próximos dias, a fim de encorpar o elenco antes da quinta rodada do Brasileirão.” Reportagem intitulada “Inter não buscará apostas, contratará ‘cascudos’, avisa Chumbinho”. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/duplaexplosiva/2013/05/28/inter-nao-buscará-apostas-contratará-cascudos-avisa-chumbinho/>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

<sup>3</sup> “O futebol sente falta de jogadores com o perfil dos cobras”. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/prelecao/2010/03/30/o-futebol-sente-falta-de-jogadores-com-o-perfil-dos-cobras/>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

eles as tecnologias do poder disciplinar conforme Foucault (2001, 2008). Passarei a tratar de dois deles: “jogador de grupo” e “jogador-problema” ou “jogador rebelde”.

Embora o futebol seja um esporte coletivo, os destaques individuais são uma marca ao ponto de determinados times serem historicamente reconhecidos pela associação a algum jogador como o “Santos de Pelé” ou o “Barcelona do Messi” para ficarmos com dois expressivos exemplos. Existe uma tensão no campo futebolístico em torno dessa questão que opõe o coletivo ao individual. Muitas vezes, o craque ou os craques do time têm regalias, tratamento exclusivo (não jogam determinados jogos menos importantes, deixando de fazer certas viagens, não precisam fazer o mesmo treinamento, são ouvidos pela diretoria no momento de se tomar decisões importantes como contratação ou demissão de um treinador, por exemplo, dentre outros). Nem sempre essas regalias são bem vistas pelo restante do grupo de jogadores o que pode gerar sérios problemas e nesses momentos, muitas vezes, evoca-se a figura do “jogador de grupo”. Quando foi contratado pelo Atlético Mineiro em 2012, Ronaldinho Gaúcho carregava consigo alguns pesos: o de ser um jogador “baladeiro” e que não se dedicava suficientemente ao trabalho, de exigir regalias como a de não comparecer a certos treinamentos, o de ser uma estrela intocável que não se misturava ao grupo de jogadores.

A resposta a esse questionamento veio rapidamente, quando um dos jogadores do elenco se apressou em afirmar, em defesa de Ronaldinho Gaúcho:

“Ronaldinho é um jogador de grupo<sup>4</sup>”. Quando um jogador se assume como “de grupo” ou essa condição lhe é atribuída (pela mídia, pelos dirigentes que o contratam ou pelos demais jogadores), a estratégia discursiva acionada produz a imagem do indivíduo que está plenamente disposto a submeter-se as regras e sanções gerais aos quais todos os outros se submetem, ressaltando a disposição do mesmo em reforçar a coletividade, mesmo em detrimento de sua individualidade. Trata-se de uma concessão no sentido de que o sujeito está abrindo mão de uma condição diferenciada em nome de uma causa maior, coletiva. Ele deixará de usar o capital simbólico que possui a favor somente de si mesmo e passará a emprestar este ao grupo o quanto for necessário para que o mesmo vença.

O jogador de grupo é o ideal do jogador submisso às regras, “igual aos demais”, embora, na verdade, não o seja. Ele “aceita” se igualar aos demais quanto à disciplina, quanto ao esforço, mas ele continuará sendo diferente, seja por ter mais habilidade com a bola, por ser mais rico, por ter mais prestígio, títulos e/ou experiências, trata-se de um “modelo de docilização”, porque tem-se um indivíduo que acumulou, ao longo de sua carreira, instrumentos, “armas” para resistir à disciplina que a todos tenta igualar, mas resolve, “deliberadamente”, não usá-las, deixando-se dominar pelo poder disciplinar.

<sup>4</sup> Richarlyson diz que R. Gaúcho quer ser tratado como jogador de grupo, sem status. Disponível em <[http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2012/06/08/noticia\\_atletico\\_mg,219103/richarlyson-diz-que-r-gaúcho-quer-ser-tratado-como-jogador-de-grupo-sem-status.shtml](http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2012/06/08/noticia_atletico_mg,219103/richarlyson-diz-que-r-gaúcho-quer-ser-tratado-como-jogador-de-grupo-sem-status.shtml)>. Acesso em: 07 jul. 2013.

É no oposto dessa normalização que se encontra o “jogador problema”, o “jogador rebelde”. Para compreendermos melhor esse perfil, essencial para os fins desse artigo, é necessário lançar mão do recurso à digressão histórica.

Voltemos aos meados de 1960, quando o Brasil disputava a Copa do Mundo de 1966 na Inglaterra em busca da “consagração definitiva” caso viesse a se tornar o primeiro tricampeão mundial de futebol. O resultado não foi o esperado (o Brasil foi desclassificado na primeira fase, amargando o 11º lugar) e a história do futebol brasileiro passou por mudanças importantes a partir daí. Para José P. Florenzano (1998), o campeonato mundial de 1966 constituiu-se como um marco simbólico que assinala a penetração dos mecanismos disciplinares no universo do futebol brasileiro, que passa a ser colonizado por um novo tipo de poder que visava a produção do jogador moderno ante a demanda da humilhante derrota.

Nas duas copas anteriores, 1958 e 1962 – Suécia e Chile, respectivamente – o Brasil havia exibido um futebol desconcertante e vencedor baseado nos dribles mágicos de Garrincha e nos gols fantásticos do rei Pelé. Os jogadores brasileiros gozavam de um enorme prestígio dentro e fora do país. A ideia predominante era a de que enquanto os jogadores europeus tinham que ser “fabricados” pelo treinamento e que as seleções europeias tinham que recorrer ao subterfúgio de complexas estratégias para tentar fazer frente ao brasileiro, nossos jogadores já nasciam prontos e praticamente prescindiam de qualquer treinamento.

A atuação considerada desastrosa da seleção brasileira na Copa da Inglaterra, entretanto, ocasionou uma mudança drástica nesse discurso. No pós-copa, as

críticas incidiam particularmente sobre a falta de preparação física de nossos atletas, chamados até de obesos.

A derrota brasileira e a vitória europeia na Copa, portanto, foram absorvidas no Brasil como uma vitória do “futebol-força” sobre o “futebol-arte”. O futebol-força consistia, segundo o técnico e preparador físico Admildo Chirol,

em dotar seus jogadores de notável preparo físico, a fim de poder, sem temor de cansaço prematuro ocupar o mais possível o campo de jogo com o objetivo de anular o estilo sul-americano (FLORENZANO, 1998, p.26).

Tendo obtido êxito, esse modelo deveria ser seguido pelo Brasil, assim passava-se a buscar no jogador brasileiro os “atributos do futebol moderno”, a saber, “força, velocidade e resistência”. A ocupação dos espaços do campo passa a ser vista como a fórmula da vitória o que alça ao posto de principal aspecto a ser obtido na preparação de um time vencedor, a boa e adequada preparação física, deixando em segundo plano a arte, o talento. Assim, para Florenzano, a rebeldia constitui-se enquanto resistência ao privilégio que passa a ser dado ao uso da força física e o desuso da inventividade em detrimento dos esquemas táticos.

Subjazia, entretanto, a esta questão da oposição entre futebol-força e futebol-arte, um projeto maior, o da “formação do homem brasileiro” em que se destacam dois mecanismos: a disciplinarização das massas e o destaque dado à máquina no imaginário social. A educação física ganha destaque como instrumento de aperfeiçoamento desse ideal de indivíduo disciplinado e fisicamente apto à promoção do desenvolvimento do país e da sociedade brasileira.

Os ideais de modernidade, no Brasil, passam a se fundir aos do corpo

disciplinado a partir da preponderância da preparação física em relação ao talento com a vitória do “futebol-força” sobre o “futebol-arte” na Copa de 1966. Era essencial, nesse contexto, a produção de um novo homem brasileiro e de um novo jogador de futebol, o “jogador moderno”, mas havia um obstáculo a ser transposto: o próprio jogador. Assim, segundo Florenzano, o próprio jogador brasileiro constituía-se como obstáculo para a modernização tendo em vista “toda sua experiência acumulada nos campos de jogo, com toda sua vivência de lutas contra antigas opressões”, “toda uma cultura formada no futebol encarado como atividade profissional, mas concebido simultaneamente como espaço de criação, de ludicidade e de fantasia” (Idem, p.31).

Operava-se uma inversão de valores quanto às práticas e concepções sobre o futebol brasileiro, desta forma,

o jogo cadenciado, o estilo clássico, a liberdade do drible de Garrincha e de tantos outros passavam a ser classificados agora como lentidão, individualismo, egoísmo e indisciplina. Pouco a pouco, emergia no prosaetrio a fisionomia de um jogador cheio de defeitos, vícios e maus hábitos. (Idem, p.31)

No futebol moderno, a “magia do corpo” e a fantasia, cedem cada vez mais espaço ao “automatismo do corpo-máquina” e à repetição. Porém, para além do aspecto propriamente disciplinar, Florenzano aponta um estigma moral que pairava (e continua a pairar) sobre o jogador de futebol na composição do perfil “jogador-problema” que sobreviveu à derrota da elite quanto ao embate entre amadorismo e profissionalismo: o principal argumento defendido pela elite à época do processo de profissionalização no futebol brasileiro

(décadas de 1920 e 1930) era de que o esporte deveria ser praticado por amor, “amor à camisa” e não deveria tornar-se uma profissão, um modo de “ganhar a vida”.

Nessa época, surge o estigma do “jogador-mercenário”, ou seja, aquele que joga movido pelo dinheiro que se opunha a esse ideal do jogador amador, desta forma, embora o intento da elite aristocrática de manter o futebol como privilégio dos grupos sociais aos quais pertenciam tenha sido derrotado, o preconceito aristocrático ao jogador de origem popular sobreviveu expresso no estigma do “jogador-mercenário”, o que leva Florenzano a concluir que o “espectro do atleta amador acompanha a atividade do atleta, de sorte a mantê-lo numa área de ambiguidade”.

A ambiguidade estava expressa na seguinte formulação:

(...) estava em andamento a construção do modelo ideal do novo atleta profissional, sobre o qual recaíam as exigências da aplicação aos exercícios físicos, da obediência às instruções táticas e da disciplina na conduta da vida, dentre outros traços. Porém, estrategicamente, quando se tratava da remuneração desse profissional, os clubes apelavam para o ideal do amadorismo – o amor à camisa (Idem, p.48).

A atualidade dessa fórmula é desconcertante, pois cada vez mais se exige do atleta profissional uma conduta ideal quanto à disciplina, quanto ao controle da vida, sendo que, em nossos dias, tudo se dá de forma mais acentuada se considerarmos o desenvolvimento das tecnologias de vigilância e controle com o desenvolvimento dos meios de comunicação e das tecnologias de registro da imagem, e a estratégia do apelo ao amor à camisa continua sendo

usado, particularmente, sempre que um clube passa por dificuldades financeiras e não consegue pagar os salários dos jogadores, o que é ainda bastante frequente no futebol brasileiro.

Somando-se ao projeto de “disciplinarização das massas” (constituição do “novo homem brasileiro”) iniciado no Estado Novo e a ratificação do ideal da máquina no imaginário social, temos a militarização da sociedade brasileira com o golpe de 1964. Esses três elementos juntos, ajudam a explicar o surgimento e os sentidos atribuídos ao “jogador-problema”. A culminância desse processo foi a conquista da Copa do Mundo de 1970 no México que consagrou o Brasil tricampeão mundial de futebol e legitimava a preparação física como elemento-chave, assim como representava

o coroamento do gigantesco esforço despendido durante décadas para educar, normalizar, moralizar e civilizar o jogador brasileiro, transformando-o de sub-raça em super-homem, mas também transfigurando-o de bárbaro em civilizado (Idem, p.94).

É nesse período que surge aquele que é considerado o primeiro “rebelde” do futebol brasileiro, Afonsinho. A primazia da rebeldia está simbolizada no fato de ter sido Afonsinho o primeiro jogador a conseguir obter o passe livre<sup>5</sup>

<sup>5</sup> O passe é um mecanismo jurídico que diz respeito a relação contratual entre o clube e o jogador que nasce de um “acordo de cavalheiros” entre os dirigentes esportivos que visava evitar que um clube pudesse prejudicar o outro “tomando-lhe” um jogador importante, por exemplo, oferecendo-lhe uma remuneração melhor. Era preciso negociar com o clube e não com o jogador tal transação, de forma que o clube empregador tinha o direito de estipular um valor pecuniário para “liberar” o jogador para o clube interessado, o que na prática significava que o jogador de futebol era um trabalhador legalmente proibido de procurar emprego em

em 1971 e nesse contexto ter sido um dos primeiros a operar inversões importantes no jogo de poder entre clube (dirigentes, treinadores, preparadores físico) e jogador.

A polêmica em torno de Afonsinho dar-se após a conquista de 1970. Ele era um destacado jogador do elenco do Botafogo do Rio de Janeiro, que no contexto de militarização do futebol não se submeteu aos elevados níveis de interferência na vida pessoal do jogador de futebol. Mas qual foi o problema de Afonsinho com o Botafogo que culminou com o histórico processo na justiça que lhe permitiu ser o primeiro jogador brasileiro livre para negociar um contrato com qualquer clube? O problema foi o visual de Afonsinho, ou seja, sua barba e cabelos, supostamente, compridos e a forma como se vestia. Motivo banal? Só aparentemente, pois como adverte Florenzano, a análise sociológica deve levar em consideração o significado dessa sanção ao visual do atleta de futebol, bem como o significado de sua atitude, localizando-as no contexto mais amplo político e social da época<sup>6</sup>.

Assim, após ter sido cobrado pela diretoria do clube e pelo treinador para se apresentar em conformidade com o padrão exigido, ou seja, sem barba e com o cabelo curto, Afonsinho recusou-se não aceitando esta interferência. O poder disciplinar busca ao máximo aproximar a vida privada da vida profissional, buscando apagar a linha que as separa, mas ao se levantar contra

outra empresa, ou seja, impedido de escolher e decidir onde gostaria de trabalhar.

<sup>6</sup> Nesse sentido, afirmou o autor: “usar barba e cabelos longos para romper com a boa aparência exigida pela norma, desfilar pelas dependências do clube com sandálias e bermudas ou trajar-se com as vestes da contracultura expressava o caráter estético de que se revestia a rebeldia nesse momento” (Idem, p.95).

tais exigências, Afonsinho estava mantendo em evidência as marcações que separam essas duas esferas da vida, tentado manter sua vida privada, reivindicando sua pertença. A rebeldia inaugurada por Afonsinho se insere num campo de luta que caracteriza a concepção moderna do esporte espetáculo em que os mecanismos de poder, que se aprimoram nos fins do século XIX e início do XX, segundo Foucault (2008), visam o aumento da aptidão associado ao da dominação e da diminuição da capacidade de resistência do indivíduo através da coerção disciplinar, mostrando-se extremamente atual.

Em 2013, o ex-técnico das categorias de base da seleção brasileira, Alexandre Gallo, deu uma entrevista que gerou polêmica no meio futebolístico. O treinador defendia a implantação de uma “nova mentalidade” na base da seleção a partir da qual o jovem jogador selecionado deve passar a “imagem de profissional”. Para ilustrar essa imagem de profissional baseada nessa nova mentalidade, Gallo afirmou que não permitirá mais que os jogadores usem brincos, andem de chinelo ou usem fones de ouvido sintetizando o que chama de “imagem de desleixo” incompatível, segundo ele, com o perfil de futuro jogador profissional e de jogador da seleção. Desta forma, muda-se o critério estabelecido para a convocação de um jovem jogador para as categorias de base da seleção, conforme explicou o treinador:

Quando eu cheguei na CBF, me falaram: “O jogador aqui é convocado sempre pela capacidade dele, por serem jogadores comprometidos e também pelo caráter”. Eu falei: “Está errado. E a partir de hoje vamos virar a página ao contrário. Vamos convocar primeiro pelo caráter, segundo pelo comprometimento e cumplicidade com o

trabalho e terceiro pela capacidade<sup>7</sup>” (sic).

A pertinente pergunta que alguns jornalistas esportivos<sup>8</sup> fizeram foi: e se Alexandre Gallo fosse treinador da seleção na época em que surgiu a atual maior estrela da seleção brasileira Neymar, que é facilmente reconhecido pelo visual “chamativo” com corte de cabelo “ousado”, brincos e outros apetrechos, ele o teria barrado?

Se Neymar seria convocado ou não por Alexandre Gallo não é possível saber, mas a declaração e as polêmicas por ela geradas se configuram como um exemplo importante da atualidade do projeto disciplinar com origens, no caso brasileiro, na década de 1960, que visa produzir o “jogador moderno”. A tentativa de homogeneizar nivelando o grupo não pela capacidade técnica individual, pelo talento, mas pela potencialidade que o jogador tem de se submeter ao comando e de se integrar (e porque não se entregar) à equipe, sintetizadas pelo treinador nas características “caráter” e “compromisso”, revelam a antiga tensão entre “futebol-arte” e “futebol-força” que por sua vez subjazem, no nível individual, a oposição entre “jogador de grupo” e “jogador-problema” ou “jogador rebelde”.

Ambos os perfis são invenções do poder disciplinar que visam classificar os

<sup>7</sup> Entrevista concedida pelo técnico das categorias de base da seleção brasileira, Alexandre Gallo ao jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,v-ou-implantar-uma-nova-mentalidade-na-base-diz-alexandre-gallo,1056213.0.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

<sup>8</sup> Para citar apenas um exemplo: <[http://www.espn.com.br/post/344186\\_barca-contrata-tecnico-argentino-cbf-tem-treinador-preocupado-com-brincos-penteados-e-fones-de-ouvidos](http://www.espn.com.br/post/344186_barca-contrata-tecnico-argentino-cbf-tem-treinador-preocupado-com-brincos-penteados-e-fones-de-ouvidos)>. Acesso em: 24 jul. 2013.

jogadores – o primeiro exaltando, o segundo estigmatizando. Em comparação ao período em que jogou e lutou (com sua rebeldia) Afonsinho, o futebol do século XXI é marcado pelo marketing esportivo que busca transformar em marca clubes, jogadores e explorar comercialmente a paixão pelo futebol, tão abundante no Brasil.

Em maio de 2013, Ricardo Fort (executivo da VISA, multinacional administradora de cartões de crédito) escreveu o artigo “o que vale são os três pontos” à prestigiada (no mundo corporativo) revista Forbes em que analisava a situação crítica em que se encontra o marketing esportivo no Brasil devido ao despreparo dos atletas.

Segundo ele, é um risco para uma empresa patrocinar um atleta brasileiro devido ao seu despreparo, particularmente, em relação à ausência de conhecimento de outro idioma e de fluência na oratória. Traçando um comparativo, o executivo relata uma experiência que teve nos Estados Unidos na famosa liga de basquete, a NBA – *National Basketball Association* (Associação Nacional de Basquetebol), num evento em que os jovens jogadores (na faixa dos vinte anos de idade), muito bem vestidos – “usando ternos bem cortados e vestidos de estilistas dignos de Hollywood” – falavam e agradeciam aos patrocinadores, dando um “verdadeiro show de oratória”. Qual a diferença desses atletas para os brasileiros? Classe social? Não, pois de forma geral, os jovens atletas da NBA são recrutados nas classes mais populares, assim como ocorre no futebol brasileiro. Então, aponta o executivo, a diferença está no fato de que “as ligas, as equipes, os agentes e toda a indústria do marketing esportivo americano estão dedicados a

desenvolver estes atletas como produtos<sup>9</sup>”.

Assim,

Eles são preparados, educados e treinados para representar os patrocinadores em público. Falando para uma multidão, ou discutindo atualidades com executivos nos eventos promovidos pelas empresas, estes atletas sabem muito bem o que fazer. Raramente você os verá usando a marca concorrente, cometendo erros de concordância ou se comportando de forma inadequada.

Voltamos à fórmula dos anos de 1960 com a caracterização de um jogador cheio de “defeitos, vícios e maus hábitos”, conforme Florenzano, bem como de culpabilização do jogador como “único” obstáculo à modernização do futebol no Brasil. A ironia com a qual o executivo Ricardo Fort brinda os seus leitores ao final de seu artigo demonstra a força da estigmatização que recaia sobre o jogador brasileiro, pois, segundo Fort, “por enquanto eles [os jogadores de futebol] parecem não estar muito preocupados com estes problemas. Afinal, ‘o que vale são os três pontos’”, numa referência à quantidade de pontos que um time ganha ao vencer uma partida num campeonato de futebol.

Seja provindo da mídia esportiva, dos treinadores, dos dirigentes ou até dos torcedores, existe um poder disciplinar que impõe ao jogador de futebol uma série infundável de sanções que se erige a partir de uma estratégia discursiva que produz um ideal de profissionalismo a ser buscado a qualquer custo. A disciplinarização é a chave e ela se

<sup>9</sup> Disponível em <http://sportbyfort.blogspot.com.br/2013/07/o-que-vale-sao-os-tres-pontos.html>. Acesso em: 17 jul. 2013.

estenderá indefinidamente, do cabelo e da barba que ele use à forma como se veste e fala, para controlar com quem ele se relaciona, aonde ele deve andar e do que deve ou não gostar, tudo isso para que se obtenha desses indivíduos a vitória, o título, o lucro com a venda da marca e, talvez, o exemplo para os jovens das gerações posteriores.

### **Os mecanismos jurídicos e a tecnologia política dos corpos**

Esse mecanismo de poder e o seu alcance são mais facilmente compreendidos quando se observa as especificidades da regulação trabalhista do jogador de futebol. Em primeiro lugar, atente-se para o fato de que, juridicamente, o contrato celebrado entre jogador profissional e entidade desportiva é considerado “especial” não sendo regido pela legislação trabalhista ordinária vigente no país, especialmente no tocante à duração da jornada de trabalho, do contrato, ao grau de subordinação, à configuração da justa causa e ao tempo a disposição do empregador. A Lei 6.354 de 1976 e a Lei 9.615 de 1998, conhecida como Lei Pelé, compõem a legislação do atleta profissional de futebol no Brasil, sendo, eventualmente, utilizada a CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) como referência.

Focando na questão do controle sobre o jogador observe-se, por exemplo, que a Lei Pelé faculta ao empregador a determinação quanto ao período de concentração que não pode ser, entretanto, superior a três dias por semana. Trata-se de prática muito comum no futebol brasileiro que o grupo de jogadores fique junto em um determinado ambiente, normalmente um centro de treinamento ou um hotel, onde o clube pode controlar, por exemplo, os horários de dormir e de refeições, o tipo das refeições e as atividades realizadas

pelos jogadores durante um período, via de regra anterior às partidas mais importantes, ocorrendo, em alguns clubes, antes de praticamente todas as partidas.

Embora limitado no direito de ir e vir, esse período não se configura como “tempo à disposição” do empregador, não incorrendo na obrigação de pagamento de hora-extra ou outras obrigações. Segundo Bomfim (2013), isso ocorre porque dentro desse período o jogador “tem liberdade de aproveitar o seu tempo livre de maneira que lhe aprouver”. Livre para aproveitar o tempo, embora “preso” num determinado espaço e controlado quanto aos horários e o leque de atividades possíveis, bem como impedido de estar na presença de seus familiares, amigos, por exemplo.

O que explica isso, juridicamente, é a chamada “subordinação especial” que sofre essa categoria profissional. O jogador profissional de futebol está submetido a um controle intenso sobre sua vida sexual, a alimentação, o repouso, a ingestão de bebidas, o uso das vestimentas, as manifestações à imprensa, dentre outros. Segundo a autora, o referido controle se dá “em razão da finalidade precípua do contrato que é obter do jogador de futebol o melhor rendimento nas competições e o melhor aproveitamento físico de suas habilidades”.

Sendo a obtenção do maior rendimento e do melhor aproveitamento possível das habilidades do jogador a razão primordial do contrato entre a entidade desportiva e o jogador, justifica-se, juridicamente, que o clube realize controle tão objetivo e tão subjetivo do indivíduo jogador de futebol. Está, assim, constituído o direito do clube de submeter toda a conduta cotidiana do indivíduo ao controle, incluindo-se o

lazer, as horas de folga, conforme ainda Bomfim:

a conduta do jogador de futebol que frequenta casas noturnas, festas, faz uso de drogas ou bebida alcoólica prejudicando a sua participação em treinos ou partidas pode configurar incontinência de conduta, ensejando a resolução contratual por culpa do empregado. Outrossim, a conduta do jogador que se envolve em consideráveis escândalos, sofrendo acusações de toda natureza, tal como lesão corporal, dano ao patrimônio, embriagues ao volante, pode afetar de tal forma a imagem da entidade desportiva, que importará em considerável prejuízo financeiro com perda de patrocinadores ou mesmo associados.

O cuidado com a conduta, a preservação do condicionamento físico não são opções para o atleta profissional, antes, são obrigações, deveres contratuais e o controle sob esses e outros aspectos é um direito do clube previsto em lei, mas não só do clube.

### Conclusão

O jogador de futebol é submetido a uma complexa tecnologia política do corpo que visa tornar seu corpo útil e inteligível, previsível. De corpo e alma, o jogador deve submeter-se a um modelo de performance que se acentua no contexto do esporte moderno de espetáculo em que a racionalidade capitalista objetiva as subjetividades reduzindo as relações ao cálculo dos ganhos, do lucro, da vitória. O jogador é submetido a uma “subordinação especial” que está para além do

ordenamento jurídico e já foi naturalizada, de forma geral, pelos diversos componentes do mundo futebolístico: dirigentes, jornalistas esportivos, torcedores e os próprios jogadores. O jogador de futebol é submetido a uma complexa tecnologia política do corpo que visa tornar seu corpo útil e inteligível, previsível.

A sociedade disciplinar alcança níveis exemplares no universo futebolístico e a docilização dos corpos e das almas encontra sólido refúgio num contexto em que há uma especial distância entre a potência do mecanismo disciplinar e a potência daquele que está submetido a ele.

### Referências

BOMFIM, Bianca Neves. *Contrato de trabalho do jogador de futebol–Peculiaridades e aspectos controvertidos*. Disponível em: <[http://www.vbca.com.br/artigos/Artigo\\_Bianca%20%20Jogador\\_de\\_Futebol.pdf](http://www.vbca.com.br/artigos/Artigo_Bianca%20%20Jogador_de_Futebol.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2013.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

FLORENZANO, José Paulo. *Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa editora, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 16ª ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 35ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em 2017-04-03  
Publicado em 2017-08-04